

Boron, Atilio A. **Prólogo.** *En publicacion: Filosofia política moderna. De Hobbes a Marx* Boron, Atilio A. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales; DCP-FFLCH, Departamento de Ciencias Políticas, Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, USP, Universidade de Sao Paulo. 2006. ISBN: 978-987-1183-47-0

**Disponibile en la World Wide Web:**

[http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/secret/filopolmpt/02\\_boron.pdf](http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/secret/filopolmpt/02_boron.pdf)

[www.clacso.org](http://www.clacso.org)

**RED DE BIBLIOTECAS VIRTUALES DE CIENCIAS SOCIALES DE AMERICA LATINA Y EL CARIBE, DE LA RED DE CENTROS MIEMBROS DE CLACSO**

<http://www.clacso.org.ar/biblioteca>

[biblioteca@clacso.edu.ar](mailto:biblioteca@clacso.edu.ar)

ATILIO A. BORON

## PRÓLOGO

COM A PUBLICAÇÃO DESTA LIVRO damos continuidade a um esforço que iniciamos há pouco mais de um ano, destinado a promover o estudo da filosofia política na Argentina. A impressionante acolhida que teve o primeiro volume desta série, *A Filosofia Política Clássica. Da antigüidade ao renascimento*, do qual a esta altura já foram publicadas três edições, nos convenceu da importância de nossa iniciativa e da necessidade objetiva que existe em aportar materiais e antecedentes que facilitem o trabalho de todos aqueles interessados em se aproximarem da disciplina. Nesta oportunidade organizamos um volume dedicado ao que convencionalmente denomina-se como “filosofia política moderna” e que se propõe ao exame de uma série de autores que começa com Hobbes e se encerra com Marx.

Tal como indicamos no primeiro livro desta série, a publicação destes trabalhos de nenhuma maneira pode ser considerada como um substituto à imprescindível leitura dos clássicos. Nenhum comentarista, por mais brilhante que seja, pode substituir a riqueza contida nos textos fundamentais da tradição da filosofia política. O objetivo a que nos propomos com este texto é modesto mas por sua vez útil: proporcionar uma bússola que oriente a inevitável navegação que os jovens estudiosos terão que efetuar no oceano, por momentos tormentoso, da filosofia política moderna. A bússola não é uma representação –muito menos uma síntese– do mar, de suas correntes e dos acidentes marinhos, mas sim

um instrumento que serve para nele se orientar e para chegar ao porto desejado. Esse é precisamente o objetivo fundamental de nosso livro.

Ao contrário do primeiro texto dessa coleção, o atual incorpora a obra de outros autores latino-americanos, brasileiros, em um esforço encaminhado para enriquecer a discussão filosófico-política existente na Argentina com aportes originados fora de nossas fronteiras mas dentro do âmbito latino-americano. Estamos convencidos de que uma reflexão sobre os autores compreendidos neste livro efetuada a partir de uma realidade tão dinâmica como a do Brasil –sede do maior partido de esquerda, do sindicalismo mais pujante e do movimento camponês mais formidável da região– seguramente contribuirá para refinar algumas de nossas interpretações sobre diversos aspectos das teorias aqui analisadas.

Este livro nos propõe recorrer as principais referências teóricas da filosofia política moderna. Converteu-se em lugar comum afirmar que esta distingue-se da filosofia política clássica porque na primeira a reflexão sobre a vida política realiza-se à margem de todo tipo de consideração ética ou moral. Se nos tempos antigos a pergunta sobre a política ia indissolúvelmente ligada a uma exploração de caráter moral, o que ocorre com o advento da modernidade é que dita amálgama descompõe-se e a análise política torna-se totalmente independente do juízo ético. Esta visão convencional, que encontramos repetida em numerosos textos e tratados introdutórios à teoria política, é perigosamente simplificadora e, por isso mesmo equivocada. O que efetivamente aconteceu com a filosofia política moderna é que as preocupações éticas do período clássico passaram para um segundo plano, mas não desapareceram. Produziu-se, então, uma rearticulação entre a reflexão centrada no “ser” e aquela encaminhada a desentranhar o “dever ser”, mas de nenhuma maneira isso se traduziu em um divórcio entre ambas preocupações, ao menos se consideramos as principais cabeças na história da filosofia política moderna. Divórcio que, como o prova a falida tentativa de Max Weber de elaborar uma ciência social “livre de valores” no começo do século XX, está irremediavelmente condenado ao fracasso independentemente do calibre intelectual de seus proponentes. De fato: como entender Hobbes sem sublinhar o papel central que em sua teorização desempenha a obsessiva busca de uma ordem que ponha fim ao perigo da morte violenta? Como dar conta da obra de Locke, Rousseau ou Spinoza à margem de suas preocupações sobre a boa sociedade? Como compreender Marx sem reparar no papel que em sua construção teórica joga o horizonte utópico da sociedade comunista? Esta suposta disjunção entre uma reflexão centrada no “ser” e no “dever ser” da política, verdadeiro grito de guerra da ciência política positivista, tem impreteríveis implicações conservadoras que devem ser rechaçadas com total intransigência. Em outro texto desta mesma coleção também organizado por nós, *Teoria e filosofia política. A tradição*

*clássica e as novas fronteiras*, tentamos apontar alguns elementos críticos do saber convencional e explorar algumas vias que nos permitiriam recuperar e recriar o valioso legado analítico e axiológico da teoria política à luz dos novos desafios que nos propõe a época atual. Se a filosofia política fracassar em sua tentativa de por fim à cisão positivista entre “ser” e “dever ser” corre o risco de degradar-se até converter-se em uma mera justificativa do existente. Confiamos que este volume aporte alguns elementos valiosos para impedir tão infeliz desenlace.

Da mesma forma que seu predecessor dedicado à filosofia política clássica, este livro é também um projeto coletivo cuja autoria corresponde à totalidade da cátedra de Teoria Política e Social I e II da Carreira de Ciência Política da Universidade de Buenos Aires. Daí meus agradecimentos, uma vez mais, a seus integrantes pela dedicação e cuidado posto na preparação dos textos que aqui se incluem: Rubén Dri, Tomás Várnagy, Miguel Angel Rossi; e a Javier Amadeo, Liliana Demirdjian, Edgardo García, Sabrina González, Daniel Kersffeld, Sergio Morresi, Bárbara Pérez e Inés Pousadela. Agradecimento que fazemos extensivo àqueles que não pertencem à nossa cátedra, como Eduardo Grüner, mas que durante mais de dez anos formou parte da mesma; a Alejandra Ciriza, professora e pesquisadora da Universidade Nacional de Cuyo e do CRICYT de Mendoza; a Roberto Gargarella, da Universidade de Buenos Aires e da Universidade Torcuato Di Tella e, por último, a nossos colegas brasileiros Renato Janine Ribeiro, Marilena Chaui, Gabriel Cohn, Cícero Araújo e André Singer, da Universidade de São Paulo, Brasil.

Ao terminar a preparação deste livro não posso deixar de mencionar a nova dívida de gratidão contraída com Florencia Enghel e Jorge Fraga, e com Javier Amadeo, Liliana Demirdjian, Sabrina González e Miguel Angel Rossi. Os primeiros por seu auxílio na árdua tarefa de correção editorial, desenho e composição de um livro que quisemos não fosse excelente apenas teoricamente, mas também belo e prolixo editorialmente. Minha dívida com Amadeo, Demirdjian, González e Rossi origina-se na impagável ajuda que me prestaram em toda a fase de preparação deste livro e, como se o anterior não fosse suficiente, por sua participação na redação dois dos capítulos temáticos do mesmo. A todos meus sinceros agradecimentos.

Buenos Aires, 22 de março de 2000

